

Hitler, a história e a historiografia

Francisco César Alves Ferraz¹

Resenha

LUKACS, John. *O Hitler da História*.
Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro:
Jorge Zahar Ed., 1998, 250p.

Adolf Hitler foi, sem dúvida, a personalidade mais importante da história do século XX. Por mais que possamos reagir com merecida indignação a qualquer esforço de legitimação ou reabilitação dos atos que, direta ou indiretamente, desencadeou, não podemos negar que, para o bem e para o mal, o século que está terminando não seria o mesmo sem ele e o que ele representou e ainda representa.

Mas o que significa a trajetória de um único homem no fluir da história? Pergunta interessante, sempre presente nas discussões sobre a biografia como uma modalidade do conhecimento histórico. Nos bancos escolares, aprendemos que homens sozinhos não fazem a história, mas grupos sociais (sejam estes classes, estamentos, grupos políticos, religiosos, étnicos, etc). Mas será que o caso de Hitler se encaixa neste princípio geral? Afinal, qual o lugar de Hitler na história da Alemanha, da Europa e do século XX?

Essas e outras questões importantíssimas para o entendimento da história mais recente da civilização ocidental são a base para *O Hitler da História*.

¹ Professor-Assistente do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina-PR

ria, livro de John Lukacs, historiador húngaro radicado nos Estados Unidos. Nele, o autor analisa a imensa variedade de biografias e estudos sobre Adolf Hitler, uma massa historiográfica que soma mais de uma centena de títulos, se ficarmos apenas nas obras consideradas "mais sérias" ou de maior repercussão.

Lukacs inicia seu rigoroso balanço das biografias e interpretações sobre Hitler com um pressuposto básico: embora moralmente compreensível, a demonização de Hitler não contribui em nada para entender seu papel na história. Mais do que simplesmente condenar Hitler pelos males da guerra e do nazismo, é preciso compreendê-lo historicamente, cotejar as fontes documentais, entender os influxos do passado e do presente nas interpretações sobre o líder nazista.

Somos apresentados, assim, a um debate que envolveu historiadores que procuravam entender o fenômeno Hitler e, ao mesmo tempo, entender o lugar dos alemães naquele passado. Esse debate foi marcado ideologicamente pela Guerra Fria e seus maniqueísmos e foi a base do que ficou conhecido como a "Querela dos Historiadores" (*Historikerstreit*). Enquanto historiadores "de esquerda" procuravam definir Hitler e o nazismo ora como fenômenos da extrema-direita alemã e européia, ora como decorrências históricas do imperialismo capitalista, outros, auto-denominados "conservadores", procuravam explicar Hitler e o Terceiro Reich como uma anomalia, um desvio da história alemã, ou mesmo como uma resposta histórica a um mal maior, que seria representado pelo então totalitarismo comunista. Na esteira dessas variadas interpretações, documentos de toda espécie eram invocados para corroborar tais afirmações, enquanto outros seriam desprezados por negá-las ou colocá-las em dúvida.

Dessa maneira, o leitor é sempre lembrado de que não basta uma interpretação ser tradicional ou mesmo inovadora, se ela não estiver respaldada em metodologias e aparatos documentais coerentes e abrangentes. Neste ponto, Lukacs é particularmente ácido nas críticas a obras que, nos meios acadêmicos brasileiros, são bastante prestigiadas, como *Origens do Totalitarismo*, de Hannah Arendt (que critica pelo uso arbitrário e assistemático de fontes, "cheio de falhas e desonesto") e *Ascensão e Queda do Terceiro Reich*, de William Shirer ("superficial e germanóphobo").

Para realizar seu balanço historiográfico, Lukacs elegeu alguns problemas históricos e biográficos da vida de Hitler e qual a relação desses com a história da Alemanha e do mundo na primeira metade do século XX. Alguns desses problemas são tão fundamentais como polêmicos, para o entendimento do lugar de Hitler na história.

O primeiro deles diz respeito às origens das idéias e crenças de Hitler a respeito da política, dos judeus e do papel da Alemanha no mundo. Embora muitos historiadores e biógrafos ressaltem o período vienense como a base de seu germanismo e antisemitismo, a

consolidação dessas idéias e a luta para transformá-las em realidade, porém, só puderam acontecer após a derrota alemã e o fracasso da revolução comunista na Baviera em 1919. Em Munique, Hitler descobriu ser um orador de talento, e que suas idéias encontravam ressonância: o repertório de ódios explícitos aos judeus, aos comunistas, aos "traidores da Alemanha", aos inimigos de Versalhes, encontrou terreno fértil na Baviera e, depois, no resto do país (p.60-61).

E foi por dizer algo que muitos alemães gostariam de ouvir, que Hitler conseguiu uma popularidade sem limites: ele possuía a habilidade para conquistar tanto as classes conservadoras quanto as massas em um mesmo discurso de transformação e mudança. Lukacs concorda com a análise que um dos mais notórios inimigos do líder alemão, o conservador Winston Churchill, fizera antes da guerra: Hitler era perigoso por ser revolucionário (de direita, é claro), e não por ser reacionário. Muitas das idéias de Hitler eram modernas. Em que pese seus métodos, sob sua liderança, a Alemanha transformou-se numa potência econômica e tecnológica mais respeitável do que era antes da Primeira Guerra Mundial, com auto-estima e prosperidade recuperadas (p.78). Negar esse fato dificulta, inclusive, a compreensão dos sentimentos da população alemã em relação a Hitler e o Terceiro Reich.

Lukacs também afirma que Hitler era mais nacionalista que racista. Embora a questão racial fosse fundamental para toda sua ideologia, sua racionalidade política buscava, quando lhe convinha, apoio em japoneses, chineses, árabes, croatas, romenos, etc., desde que isso significasse auxílio no combate aos inimigos da Nação Alemã. Além disso, a despeito de não se encontrar claramente uma definição diferencial nos pronunciamentos de Hitler, se a "Raça Ariana" ou a "Nação Alemã" é que iria governar seu mundo, existem indícios suficientes de que seu pensamento e ação elegiam a Nação Alemã, concebida sob prisma mais cultural que biológico. A Nação seria a realização histórico-cultural do *Volk* (Povo), liderada não por um Estado tradicional de funcionários públicos, mas por um *Volkgenossenstaat*, um "Estado de camaradagem do Povo". Assim, segundo Lukacs, diferenças entre arianos e negros, amarelos, etc. não chamavam tanto a atenção de Hitler quanto àquela que dizia respeito à "luta dentro da raça branca, entre arianos e judeus". Os judeus seriam sua obsessão, por viverem entre os "legítimos membros da nação alemã". E nesse ponto, seu ódio obsessivo aos que considerava "inimigos da nação" era insuperável (p.98).

Tal obsessão acabou por encobrir muito de seus sucessos políticos e estratégicos. Assim como o êxito do líder alemão deveu-se, em grande parte, à sua subestimação pelos seus inimigos e aliados de ocasião, muitos historiadores desprezam-no *a priori* como estadista e estrategista. Lukacs, no capítulo mais longo do livro, recoloca em

discussão o problema. Para ele, Hitler demonstrou, principalmente no período que antecedeu a guerra, atitudes de estadista que eram esperadas de líderes de potências européias daquele tempo. Embora condenáveis moralmente, sua política possuía uma certa racionalidade na adequação dos meios (muitas vezes ultrajantes) para os fins que se propunha. Na Alemanha de Hitler, a política interna e externa se apoiavam mutuamente.

Do ponto de vista estratégico, suas decisões, se examinadas friamente, tiveram sucessos retumbantes embora, a longo prazo, terminassem em fracassos flagrantes, como a combinação militar de forças e movimento que não apenas garantiu as vitórias iniciais alemãs como contribuiu para drásticas mudanças nas doutrinas de guerra de então. Mesmo aquele que é apontado como seu maior equívoco estratégico – a criação da Segunda Frente, ao invadir a União Soviética – pode ser entendido a partir da suposição de Hitler de que as principais potências capitalistas (Inglaterra e Estados Unidos) hesitariam em combater mortalmente a nação que pudesse subjugar a ameaça bolchevique. Contudo, Lukacs ressalva: se por um lado sentiu-se "obrigado a enfatizar que ele [Hitler] possuía talentos políticos e militares", por outros, esses "coexistiam com obsessões não raro fanáticas". Além disso, embora Hitler não tenha sido o autor de todas as decisões e ações do Terceiro Reich, ele sabia que suas principais diretrizes eram cumpridas fielmente. E por isso é que "ele foi sem dúvida responsável pelas maldades mais brutais cometidas por seus esbirros (p. 126)".

Dessa maneira, é impossível dissociá-lo do genocídio judeu. Embora tenha havido tentativas, como a de David Irving, de eximir Hitler de qualquer responsabilidade de planejar e ordenar a execução em massa dos judeus (afirmando que quem planejara e ordenara tudo foram seus auxiliares, sem seu conhecimento e autorização), o que a vasta documentação e as interpretações mostram é que ele ordenou – ou pelo menos consentiu com – o extermínio em massa dos judeus, o que ficou conhecido como a "Solução Final" (p. 135). O que merece ser ainda melhor pesquisado é o quanto a população germânica realmente sabia sobre os campos de concentração e sobre a "Solução Final" e como quem sabia de algo lidava com isso.

Este é, sem dúvida, o assunto mais polêmico. Qual a parcela de consciência e responsabilidade dos "alemães comuns" (na definição do polêmico livro de Goldhagen) nesta história? Segundo Lukacs, há entre os alemães uma tendência em ver Hitler como um episódio antinatural na história do país. No entanto, o Terceiro Reich representou muito mais uma continuidade do que uma aberração na história alemã. Isso não quer dizer que Hitler e o nazismo seriam inevitáveis. Mas a ascensão de Hitler e as crenças e atitudes do povo alemão da primeira metade do século estavam intimamente interligadas (p. 142).

É preciso, no entanto, separar o movimento historiográfico de "reabilitação" de Hitler e dos alemães sob o Terceiro Reich, das tentativas cometidas por pseudo-historiadores, mais conhecidos como "revisionistas". Esses últimos sequer podem ser considerados como dignos de figurar no debate historiográfico, pois além da pobreza e má fé documental de seus escritos, são sectários escrevendo para um número limitado de leitores, que já estavam convencidos de antemão ou prontos para sê-lo (p.156). De outra natureza são especialistas, alguns com assento nas universidades e institutos de pesquisa e que, inadvertidamente ou não, tentam minimizar os aspectos sombrios do Reich e de Hitler, bem como distribuir responsabilidades para outros agentes históricos, como no caso do desencadear da II Guerra Mundial, atribuída aos "objetivos bélicos e inflexível má vontade de seus inimigos". No entanto, Lukacs não aprofunda os porquês de tal posicionamento historiográfico: se foram pendores nacionalistas (a Alemanha, não esqueçamos, estava dividida em duas até o final da década de 1980), a contribuição do clima da Guerra Fria e de anti-comunismo, ou outra razão.

Trata-se, portanto, de um balanço histórico e historiográfico de grande importância, para todos aqueles que se interessam por conhecer melhor Hitler e o nazismo, bem como o debate historiográfico a respeito. É uma obra admirável, de estilo agradável e que aprofunda pontos bastante polêmicos de nossa história mais recente.